

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ANA BELQUICE DE MOURA FERREIRA

**REFLETINDO A SUBJETIVIDADE EVANGÉLICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA A PARTIR DE SUAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2017

ANA BELQUICE DE MOURA FERREIRA

**REFLETINDO A SUBJETIVIDADE EVANGÉLICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA A PARTIR DE SUAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física como requisito para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Profº Me. Renato Machado Saldanha

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2017

Catálogo na Fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Ana Ligia Feliciano dos Santos, CRB4: 2005

F383r Ferreira, Ana Belquice de Moura.

Refletindo a subjetividade evangélica nas aulas de educação física a partir de suas publicações brasileiras./ Ana Belquice de Moura Ferreira. - Vitória de Santo Antão, 2017.

30 folhas.

Orientador: Renato Machado Saldanha.

TCC (Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Educação Física, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Física e Treinamento. 2. Religião. 3. Ensino I. Saldanha, Renato Machado (Orientador). II. Título.

796.082 CDD (23.ed.)

BIBCAV/UFPE-046/2017

ANA BELQUICE DE MOURA FERREIRA

REFLETINDO A SUBJETIVIDADE EVANGÉLICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA A PARTIR DE SUAS PUBLICAÇÕES BRASILEIRAS

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em
Educação Física como requisito para a Conclusão do
Curso de Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em: 02/02/2017.

BANCA EXAMINADORA

Me. Dr. Marco Antônio Fidalgo de Amorim
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Diego Nascimento Vila Nova
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Glebson Rafael da Silva Luna
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dedico este trabalho à minha mãe por cada vez em que ela foi discutir com a direção da escola de ensino fundamental em que eu estive por melhores condições de ensino. É necessário se fazer ouvir por uma educação pública de qualidade.

Agora compreendo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que com boa intenção contribuíram positivamente durante este momento na universidade.

Agradeço aos professores Marco e Renato por todos os momentos em que abdicaram de momentos pessoais para estarem reunidos conosco como um grupo.

A todos que acreditaram que eu chegaria aqui e além.

Aos meus pais, pela dedicação incansável.

A Deus, pelo ontem, o hoje e o amanhã.

“Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de vocês mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo.”

1 Coríntios 6:19-20

RESUMO

O presente trabalho aborda a relação entre a educação física escolar e a religião de seus alunos, a destacar do sexo feminino. Objetivou analisar as publicações relacionadas ao tema “educação física e religião” a fim de trazer comparações entre seus pensamentos, observar criticamente como o tema tem sido tratado e trazer condições para fazer com que mais alunos tenham prazer em participar das aulas e possam, assim, conhecer a cultura corporal. Para isso, realizamos uma análise qualitativa da literatura, que foi levantada através da busca de palavras-chave em bancos de dados online. O texto é dividido em três capítulos, que se propõem a trazer aprofundamento para que o tema seja discutido, sendo eles: 1) Religião e sociedade: uma breve contextualização histórica, 2) Participação da religião na história da educação brasileira e 3) O corpo da Educação Física). Percebemos que, em seus registros, os autores fizeram reflexões sobre as dificuldades na relação entre a educação física escolar e a religião, no entanto, já é possível apontar que alunas compreendem o objetivo das aulas e participam. A compreensão do papel da educação é o ponto chave para realizarmos mudanças na sociedade a partir de uma escola laica, gratuita e universal.

Palavras-chave: Educação Física. Religião. Ensino.

ABSTRACT

The present paper refers to the relationship between school physical education and religion of its mostly female students. It aimed to analyse the publications related to the subject of physical education and religion in order to bring comparisons between their thoughts, to critically observe how the theme has been treated and bring conditions to make more students enjoy participating in classes, assimilate and learn about body culture. It has been used qualitative research of literature by searching keywords in online databases. The text is divided into three chapters that propose to bring a deeper understanding of the topic, such as: 1) Religion and society: a brief historical contextualization, 2) Participation of religion in the history of Brazilian education, and 3) The body of physical education. We noticed that the authors reflected on difficulties in the relationship between physical education and religion, however, it is already possible to point out that the students understand the purpose of the classes and usually participate. Understanding the role of education is the key for making changes in society from a secular, free and universal school.

Keywords: Physical Education. Religion. Teaching.

LISTA DE ABREVIACÖES

GSHS	<i>Global School based Student Health Survey</i>
OMS	Organização mundial de saúde
PIBID	Programa institucional de bolsas de iniciação à docência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	12
3 METODOLOGIA	21
4 DISCUSSÃO DOS ARTIGOS	22
4.1 ARTIGO QUANTITATIVO	22
4.1.1 Associação entre religiosidade, atividade física e comportamento sedentário em adolescentes	22
4.2 ARTIGOS QUALITATIVOS	24
4.2.1 Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino	24
4.2.2 Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A universalização do acesso à educação formal, que incluiu no sistema escolar contingentes populacionais antes excluídos, podendo incluir neste momento aqueles provenientes de uma história familiar sem educação formal, assim como a perda de espaço da pedagogia tradicional e sua tendência padronizadora, fazem com que nos deparemos com um mosaico de atitudes e comportamentos no ambiente escolar. São formas gestuais, opiniões, códigos e valores que derivam de modelos de famílias diversos, das mais rígidas e tradicionais às homoafetivas ou monoparentais. A escola se transforma em um rico espaço de convivência, de encontro de diferentes raças, credos, situações econômicas e psicológicas. À sua função específica, de garantir acesso ao conhecimento acumulado historicamente pela humanidade, soma-se a socialização entre os indivíduos.

Nossas observações e intervenções no PIBID, realizadas na Escola de Referência em Ensino Médio Antônio Dias Cardoso, localizada na cidade de Vitória de Santo Antão, interior de Pernambuco, foram iniciadas no meio do primeiro semestre de 2015. Diversos comportamentos observados nos alunos eram sentidos nas aulas de Educação Física, sejam estes positivos ou negativos. Entre eles, foi notada a presença maciça de alunas “evangélicas¹”. Elas são advindas de igrejas que são caracteristicamente mais severas em comparação a outras e têm na rigidez a forma de guiar como devem se comportar, vestir, entre outras formas de direcioná-las. Atentamo-nos ao fato de que grande parte dos alunos desta escola é proveniente da zona rural.

Durante esse período, nos deparemos com situações que nos levaram a refletir mais sobre elas, frases que denotavam intolerância eram costumeiramente direcionadas a elas durante as aulas pelos colegas de classe, uma demonstração do quanto uma formação religiosa pode caracterizar seus membros a ponto de fazer com que aqueles que os cercam manifestem seus pré-conceitos.

Segundo Rigoni (2010, p. 142),

Quando aderimos a uma religião, adotamos seus símbolos morais e “inCORPORamos” as condutas sociais que as pessoas do grupo religioso esperam de nós. Abandonamos alguns hábitos e aderimos a outros (...). No

¹ Utilizamos evangélicas referindo-nos às jovens que participam de Igrejas Neopentecostais, não conferindo, portanto, apenas o significado de seguidora do evangelho.

caso do fiel religioso, o corpo demonstra o que ele está sentindo, ou seja, o corpo simboliza a relação que o fiel tem com sua fé.

A partir dessa educação recebida, essas alunas determinam seus atos a partir de suas doutrinas, que seriam os pontos principais em que religiões se baseiam. Quando nas aulas de educação física, se deparam com aulas que comumente utilizam conteúdos que muitas vezes são negados e evitados por essas alunas: a utilização de danças com conotação sexual, a capoeira, que é abordada ressaltando-se sua história advinda de religiões com matriz africana, ou a incapacidade de participar de um jogo, pois muitas vezes são acostumadas a sempre serem reservadas, recatas e quietas, quando na presença de outros, principalmente de indivíduos do sexo masculino.

Este trabalho tem como objetivo analisar as publicações relacionadas ao tema Educação Física e religião a fim de trazer comparações entre seus pensamentos, observar criticamente como o tema tem sido tratado e trazer condições para fazer com que mais alunos tenham prazer em participar das aulas e possam, assim, conhecer a cultura corporal. Trazemos como justificativa a necessidade de fazer conhecer e discutir sobre essa temática, presente na maioria das escolas da região, bem como fazer com que os demais professores se tornem mais atentos às questões religiosas em um sentido de se atentar à não participação das jovens, compreendendo que essas atitudes derivam de profundo significado. Ainda, suscitar o anseio pela pesquisa desse tema, que é pouco abordado.

Partimos do pressuposto de que ainda existem poucos autores que trabalham com esse tema no Brasil, pois muitos não encontram essa barreira em seu trabalho. Podemos supor que determinadas condições sociais que permeiam a escola vão resultar em números grandes ou até mesmo inexistentes de alunas com tais características. Temos, como exemplo, a escola em que nossa inquietação surgiu; nela, grande parte dos alunos é oriunda de zona rural, onde a quantidade de igrejas pentecostais é muito maior em comparação às zonas urbanas e centralizadas da cidade.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Religião e sociedade: Uma breve contextualização histórica.

Inicialmente, houve uma necessidade humana de buscar significados para os acontecimentos que os permeavam, dentre eles a vida, a morte, fenômenos naturais e até mesmo a origem da vida eram buscadas a partir de mitos, e posteriormente criaram dogmas e religiões. Nisso, trazendo Deus, sedutor e enigmático a partir do qual as mensagens religiosas promovem traduções que permitem um reordenamento da vida do fiel (Laplanche, 2001 apud Mello Neto, 2000). Tais religiões criadas se apresentam nos tempos atuais em grande número, tamanha diversidade advinda da história. Tal diversidade tem suas origens a partir de diversas tentativas de buscar os significados dos quais os indivíduos necessitavam, trazendo novas propostas, interpretações e superação de compreensões anteriores:

Religião e religiosidade são produções humanas situadas na esfera da cultura, ou da superestrutura, se quiserem; são históricas, portanto, mas que por vezes são interpretadas como a - históricas e, além disso, se propõem elas mesmas, estabelecerem um conceito e uma filosofia da história. (MANOEL, 2007, p.105)

Além disso, as ações dos indivíduos que se propõem a seguir o que é estabelecido pela religião. Podemos afirmar, portanto, que a religião é resultado do que falta no indivíduo. A partir das opressões e explorações em sua vida, o homem busca uma realidade além da que ele mesmo vive uma realidade que irá transcender suas necessidades: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito das condições sociais, de que o espírito está excluído”. (MARX; ENGELS, 1975, p. 47-48)

Ou seja, os autores afirmam que a religião seria algo paliativo que o indivíduo busca para poder superar as misérias e opressões vividas resultadas de um modo de vida capitalista. Esse pensamento decorre da premissa de que esse indivíduo estaria alienado às condições do mundo em que vive. O pensamento, o comércio espiritual, bem como a formação de ideias, são produtos da atividade material dos homens.

Podemos observar que durante a história, a população camponesa e simples geralmente se fixava em suas igrejas e demonstrava superstições, ao

contrário da indiferença religiosa dos senhores nobres. Hobsbawm (2009, p. 353), em seu “A Era das Revoluções” exemplifica que no século XIX: “Os problemas do pregador de uma aldeia agrícola não serviam como guia para a cura das almas em uma cidade industrial ou em um cortiço urbano”. A classe trabalhadora não industrial passou então a seguir seitas protestantes, que em países como a Grã-Bretanha já se configuravam como um fenômeno político-religioso nas cidades pequenas. Mantinha características atraentes para aqueles que viviam em ambientes duros: a insistência na comunicação do homem com Deus, sua severidade moral, a implacável teologia do inferno e a salvação pessoal.

Assim, juntamente à necessidade do homem de buscar algo que alivie as opressões, a religião atuava como “relaxamento das tensões de uma sociedade que não proporcionava outras saídas equivalentes para as emoções das massas, e destruía as que tinham existido no passado” Hobsbawm (2009, p. 360). Tal afirmação pode ser identificada também nos dias atuais, pois podemos reconhecer que numa sociedade numericamente falha, que permite que parte de sua população sofra, haverá a necessidade destes de buscar alívio. Mais adiante em seu livro, o autor afirma que dentre as massas que frequentavam os locais de culto, a religião tinha como resultado: “aliviava a dureza e a monotonia de suas vidas (quando não se oferece nenhuma outra diversão, o despertar religioso por vezes assumirá este papel Hobsbawm (2009, p. 361-362)

Os momentos em que determinadas religiões se estabeleciam com sucesso no século XIX geralmente eram acompanhados de acontecimentos de inquietação dos povos: epidemias, crises econômicas e períodos violentos, o que exemplifica o papel de refúgio que a religião cumpre.

A religião se torna um canal que conduz a vida do indivíduo, guiando-o em suas ações a partir do momento em que se utiliza de mecanismos que fazem com que o praticante de determinada religião se sinta culpado de seus atos caso descumpra o que é ensinado. Essa noção faz com que seja pregada uma ideia de lealdade à religião seguida, contribuindo para a ordem social por pregar valores de determinada sociedade (Serretti, 2010). Muitas vezes, esses pensamentos levam a um posicionamento alheio à realidade social; Cavalcanti (1998) exemplifica essa questão a partir do momento em que religiões voltadas à população da classe baixa contribuíam para a exploração econômica destes a partir de sua contribuição ideológica. Garantia, ainda, que houvesse uma passividade da população em

relação à política, isto era consequência das promessas de vida eterna, da orientação conservadora fazendo com que a religião fosse um instrumento que disseminava a passividade em meio à aceitação do sofrimento nesta vida.

Assim, observamos a resignação sobre a realidade característica nos ensinamentos, essa seria a principal consequência sobre a ação da religião como um instrumento de transmissão de poder, favorecendo a camada mais privilegiada da sociedade. Sustentando um modelo de sociedade que faz com que as relações de trabalho sejam cada vez mais abusivas.

Participação da religião na história da educação brasileira.

Neste momento, apresentaremos recortes de períodos marcantes da religião no âmbito educacional de nosso país, ainda que não nos deparemos exclusivamente com as Igrejas Protestantes, mas também com a igreja Católica, de modo a exemplificar os traços da religiosidade observados nos dias atuais. A educação tem sido um instrumento utilizado por cada um que se sujeita a ela, tendo, em sua história, diversos momentos que demonstram sua utilização para diversos fins, segundo Brandão (2001, p. 11), a educação:

[...] Ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais ainda, a educação participa do processo de produção de crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força.

Podemos observar que o autor demonstra como a educação está sujeita a processos ideológicos de diversas ordens, muitas vezes desviando do propósito inicial da educação e colocando nesta os interesses de grupos ou classes que têm o poder. Observemos em “A ideologia alemã” como esse poder se mostra segundo Marx e Engels (1976, p. 55-56):

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa sociedade é também a potência dominante espiritual. [...] Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de idéias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante.

Observamos, em conformidade com Chauí (2016), que esses pensamentos trazem um imaginário que faz com que os indivíduos se sintam pertencentes e se autoreconheçam numa realidade ditada pela classe dominante.

Identificamos, portanto, essa classe como sendo a detentora do capital e dos meios de produção. Ela, por sua vez, mantém uma ligação superior e dominante em relação à classe pobre.

Para compreender as contribuições e influências da religião na educação brasileira, precisamos observar primeiramente como os indígenas tratavam o conhecimento. Não eram sociedades estruturadas em classes, apropriavam-se de forma coletiva dos meios necessários à sua subsistência (Saviani, 2008). Apresentavam uma economia natural que servia para suprir as necessidades do grupo. Havia poucas diferenciações sociais entre os indivíduos, ressaltando apenas a diferenciação de tarefas entre os sexos. Não havia instituições ou responsáveis pela educação, pois ela se dava pelo “olhar fazendo”, em que as forças da tradição e do exemplo, dadas pelo tutor, iriam fazer com que o aprendiz fosse naturalmente apto à sua função.

Com o processo de colonização iniciado em 1500, podemos destacar o papel que diversas congregações religiosas católicas tiveram sobre o ensino. Inicialmente, os jesuítas obtiveram a predominância do ensino, pois eram apoiados pelo rei de Portugal e pelas autoridades da colônia, trazendo para os indígenas uma educação e costumes que não pertenciam àquela localidade, mas a eles próprios, apontando a um processo de aculturação. Esse processo é apontado por Baeta Neves (1978, p. 45) como “um esforço racionalmente feito para conquistar homens, é um esforço feito para acentuar a semelhança e apagar as diferenças”. Para que o processo de conversão dos indígenas pudesse ocorrer, era necessário que estes se sujeitassem à pedagogia trazida, fazendo com que fosse realizada a conformação disciplinar, moral e intelectual. Era realizado o ensino do português, de artes e da doutrina religiosa, havia ainda aprendizado profissional, em que observamos o direcionamento ao trabalho e à necessidade de buscar um ofício com o qual o indivíduo deveria ocupar-se. No entanto, embora a educação tenha sido colocada nas mãos dos jesuítas, havia o pleno cumprimento dos interesses dos colonizadores. Oliveira (2011) exemplifica que a educação passada aos índios e a dos povos mais ricos que tinham acesso às escolas da Igreja se caracterizavam igualmente num processo alienado e alienante.

Com a queda do ensino jesuítico após duzentos anos de sua implementação no país, houve a implantação das reformas pombalinas, que por sua vez traziam ideais incorporados ao iluminismo e sua laicidade. A educação, portanto,

não mais obedecia aos interesses eclesiásticos, mas ao estado. O que não impediu que houvessem instituições religiosas voltadas agora somente para a formação de sacerdotes, pois até o início do século XX havia uma coexistência entre o ensino tradicional laico e o religioso.

Façamos um recorte ao momento em que um grupo de educadores redigiu um texto como manifesto a fim de trazer novos direcionamentos à educação. O “manifesto” trazia referências a diversos autores, passando pelo socialismo de Karl Marx ao pensamento Durkheimiano. Saviani (2008) aponta que em muitos momentos o texto se utiliza de influências derivadas de teorias incompatíveis, no entanto, é clara a abordagem vinda do Escolanovismo. O Manifesto vem com o objetivo de renovar a educação do país, buscando alcançar os objetivos necessários da época moderna em que se encontrava:

Conclui-se, portanto, que a Educação Nova busca organizar a escola como um meio propriamente social para tirá-las das abstrações e impregná-la da vida em todas as suas manifestações. Dessa forma, propiciando a vivência das virtudes morais, está contribuindo para harmonizar os interesses individuais com os coletivos. (SAVIANI, 2008, p.244)

O texto se baseia em uma educação que vá proporcionar uma maior consciência coletiva do ser, juntamente com os princípios que vão norteá-lo. A princípio, temos a função pública da educação, que se caracteriza pela transferência do dever da educação, em que a família não mais é o principal meio de transferência do saber, pois perde sua característica produção de bens de consumo e necessita que seus jovens recebam instrução essencialmente por meio do Estado. Essa característica se encontra presente em nossas inquietações no momento em que a família coloca o indivíduo na educação oferecida pelo Estado, almejando que esta esteja totalmente aberta a interesses que são de origem privada- como é o caso da religião- desvirtuando-se de sua essência pública.

No século XVIII, Condorcet fez reflexões relacionadas às instituições públicas, especialmente no âmbito escolar, pois acreditava que a desigualdade social seria diminuída a partir do momento em que o povo recebesse instrução; para isso, defendia o acesso universal à educação primária, sem qualquer ligação com a esfera privada, conforme afirma: "A instrução pública é um dever da sociedade em relação aos cidadãos." (CONDORCET, 1994, p. 61). Isso porque, com a instrução básica, a visão política, social e a capacidade judicativa se desenvolveriam não

permitindo mais que o ser humano fizesse decisões baseadas no senso comum e que assim, fosse fundamentado no discernimento, essa visão permitiria ainda não defender qualquer tipo de privilégio e objetivava uma instrução pública universal, pois um ensino que não garantisse acesso a todos serviria para atender somente aos costumes. A educação não deve objetivar a confirmação de opiniões estabelecidas, mas submetê-las ao exame constante. Sobre seus escritos, Xavier e Tambara (2012, p. 3) apontam que “Há uma postura de reconhecer a escola como espaço de construir sujeitos autônomos, pois ensinaria os conhecimentos necessários a seguir somente a sua própria razão”. Esse pensamento evidencia a vontade de fazer com que o indivíduo siga apenas sua consciência, sendo capaz de observar seu papel na sociedade, levando a resultados positivos em diversas esferas, sejam elas econômicas ou políticas.

O corpo da Educação Física

É necessário compreender o papel não apenas da Educação Física na escola, mas também da própria escola. Considerando o Brasil como um país de classes, podemos observar um conflito entre os interesses de uma classe que necessita garantir sua sobrevivência, configurando-se trabalhadora, e outra que tem não apenas o interesse de aumentar suas riquezas, mas também detém uma ideologia dominante que mascara a realidade existente. Nesse conflito, a pedagogia, a partir da necessidade de revolucionar os pensamentos inculcados nos indivíduos, irá se utilizar da educação como forma de superar o poder absoluto exercido sobre a classe trabalhadora. Para que isso ocorra, é necessário estabelecer o currículo que irá planejar o processo de educação:

Nesse projeto a função social do currículo é ordenar a reflexão pedagógica do aluno de forma a pensar a realidade social desenvolvendo determinada lógica. Para desenvolvê-la, apropria-se do conhecimento científico, confrontando-o com o saber que o aluno traz do seu cotidiano e de outras referências do pensamento humano: a ideologia, as atividades dos alunos, as relações sociais, entre outras. (SOARES et al., 1992, p.16)

A escola necessita, portanto, garantir a reflexão dos alunos a fim de fazer com que haja a compreensão de mundo por parte destes. A partir da década de 1980, surgiram novas metodologias que se propunham a direcionar os objetivos da Educação Física Escolar após modelos que se voltavam unicamente a construir um ser fisicamente mais apto, obedecendo a métodos militares e rigorosos que segundo

SOARES et al.: “Constrói-se nesse sentido, um projeto de homem disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social.” Esse modelo- assim como demais metodologias atuais- garantia a manutenção dos interesses da classe social dominante, formando seres que assentiriam com o que fosse posto na realidade. Reproduzindo o que se observava na sociedade de Esparta, “perpetuava a formação cavalheiresca, militar e aristocrática, com um sensível desprezo pelo aspecto cultural, este tomado no seu sentido mais amplo.” (OLIVEIRA, 2011, p.100). Buscamos uma Educação Física que ultrapasse o aspecto físico e corporal do ser humano:

Nessa medida, falham os currículos que se preocupam essencialmente com as matérias biomédicas e as técnicas esportivas, desprezando o estudo da filosofia, da história, entre outras (...). Essa discriminação aliena a educação física de alguns dos seus propósitos mais autênticos, fazendo-a assumir uma postura dogmática, acrítica na qual o discurso sobre o homem torna-se fragmentado e secundário. (OLIVEIRA, 2011, p.100).

Tendo a educação física se utilizado demasiadamente dos exercícios puramente físicos, nos deparamos com a necessidade de fazer com que os alunos sejam sujeitos pensantes e façam a reflexão sobre a prática que está sendo realizada. Fazendo como que a escola tenha como função se apropriar do conhecimento científico, tratando-a pedagogicamente para que o aluno o apreenda, assimilando esse conhecimento e favorecendo sua capacidade intelectual (ou manutenção de uma hegemonia (Soares et al.,1992). Sem excluir, portanto, as habilidades físicas e o desenvolvimento de aptidões durante as aulas, evidenciando o movimento como o objeto de estudo da educação física.

É nesse ambiente escolar em que diversos tipos de aluno conviverão e trarão à realidade da escola suas próprias vivências, com diversos campos da sociedade, aqui trazemos o exemplo da religião. A forma com que observam o problema nas escolas geralmente se reflete na não participação das aulas, mesmo diante da obrigatoriedade curricular, valores religiosos são colocados. Segundo Oliveira (2011, p. 80): “A religião – particularmente o cristianismo no mundo ocidental – em alguns momentos inibiu a prática das atividades físicas, condicionando a evolução espiritual à negligência de tudo que, de alguma forma, exaltasse o corpo”. Com seus significados, ensinamentos e pouca permissividade, passa a ser necessidade do professor fazer com que a ressignificação do conteúdo da Educação Física Escolar aconteça. Os caminhos que os estudos apontam para que haja maior equilíbrio nesse caso são o conhecimento de como se dá a

educação do corpo no âmbito religioso, a fim de realizar reflexão e vivência diferentes manifestações da cultura corporal de movimento (Silva & Francisco, 2012). Temos observado escassa literatura sobre a relação entre Educação Física e Religião no contexto escolar, no entanto, podemos destacar o fato da presença de trabalhos que buscavam explicar sobre a problemática de forma a observar suas determinantes sociais, filosóficas dentre sua subjetividade bem como trabalhos que traziam em sua justificativa maior qualidade de vida na visão biológica, apontando questões como a importância das atividades físicas na manutenção da saúde. Podemos destacar com este primeiro olhar a importante determinação que a religião traz na prática e significação de esportes, danças e demais aspectos que configuram a Educação Física:

(...) uma prática corporal, que no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogos, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal ou manutenção de uma hegemonia (SOARES et al., 1992, p. 50)

Questionamo-nos, portanto, qual o motivo da pouca literatura encontrada sobre a rejeição da prática de educação física na escola por meio desses alunos. Certamente o mesmo fenômeno não surgiu apenas em nossas observações em campo de projetos ou da inquietação dos autores dos textos encontrados. Poderíamos então observar uma hegemonia na escola que ignora a diversidade no seu ambiente? Esse seria um indicativo de que a concepção pedagógica tradicional está presente nos dias atuais em grande escala, e sustenta-se mediante uma visão em que centraliza o movimento como uma ação meramente observável e mensurável, negligenciando diversas outras questões das quais o movimento humano se apropria. Nesse caso, a religião é tratada como um assunto irrelevante, tal como outros que devem ser utilizados para uma melhor compreensão de mundo.

Podemos apontar ainda quais consequências podem surgir a partir do momento em que determinado conhecimento, se tratado com os métodos adequados, é negado ao aluno: o indivíduo não terá a capacidade de discernir sobre seus atos, se prendendo ao senso comum e não buscando ações racionais. São essas capacidades que permitirão ao indivíduo se tornar um agente transformador da realidade. Essa educação será possível a partir do momento em que ocorra uma educação laica, universal e baseada na razão. Fica reservado ao indivíduo, portanto,

a escolha de sua religião, no entanto, é dever do estado separar os interesses e preceitos religiosos de decisões estatais.

3 METODOLOGIA

Tivemos uma pesquisa com o caráter de revisão de literatura, em que foram buscadas algumas palavras-chave nas principais revistas de Educação Física e bancos de dados online. Dentre as palavras-chave utilizadas, figuram: Religião AND psicologia AND Brasil, Educação Física AND Religião, Religião AND Corpo AND Educação, Religião AND Educação nos seguintes bancos de dados e revistas: Bireme, BVS, Portal de Periódicos da CAPES, Journal of Physical Education, CEV, Scielo, Pubmed e Lilacs. Foram aproveitados artigos e teses brasileiras que abordassem o Cristianismo na Educação Física, sendo assim, necessitamos descartar artigos que não mencionassem a instituição escolar, independentes de metodologia ou ano de publicação.

Buscamos fazer uma pesquisa qualitativa, sobre a qual Marconi (2006, p. 269) afirma que:

(...) preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc.

Dessa forma, buscamos nesses artigos principais questões-chave sobre o tema. Traremos o objetivo descrito, a metodologia utilizada e seus resultados, como cada autor define religião, como nota sua problemática com o ambiente escolar, quais motivos apontam para justificar estes obstáculos e o que propõem para que ocorra a superação destes. Para isso, trouxemos questões que advém da história, pois dela se estabelece a ação humana a partir da racionalidade.

4 DISCUSSÃO DOS ARTIGOS

4.1 ARTIGO QUANTITATIVO

4.1.1 Associação entre religiosidade, atividade física e comportamento sedentário em adolescentes

Este artigo escrito por Mélo et al. foi publicado em 2012 e tem como objetivo analisar a associação da religiosidade com o nível de atividade física, comportamento sedentário e participação na educação física em adolescentes estudantes do ensino médio da rede pública do estado de Pernambuco. Sua metodologia é quantitativa, um estudo transversal que se utiliza de análises bivariáveis e multivariáveis. Utiliza o questionário GSHS proposto pela OMS. Utilizou programas de computador e pacotes estatísticos para tabulação e análises dos dados. Sua população alvo foi 359.829 alunos de 76 escolas e 44 municípios de Pernambuco com idades entre 14 e 19 anos.

Afirma que diversos fatores associados influenciam positivamente na prática de exercícios, o que, segundo o autor, diminuiria a prevalência de doenças. A questão da saúde é muito presente no texto no momento em que é a principal consequência observada pelo autor em relação à menor prevalência de atividades físicas nos jovens, mas seria a saúde o principal objetivo da educação física? A busca pelo corpo livre de doenças e com melhor aptidão física? Certamente, a atividade física e o desenvolvimento de habilidades motoras são indissociáveis da educação física escolar, pois segundo Oliveira (2011, p. 100), “correríamos o risco de descaracterizar a profissão”. No entanto, é necessário que a compreensão do corpo seja mais profunda, para que estas ações não se tornem o meio e o fim da educação física. No entanto, é imprescindível fazer com que as atividades realizadas nas aulas não tratem apenas do movimento e não considerando aspectos importantes intrínsecos nele.

A partir disso, o autor destaca a religião como sendo um dos fatores contribuintes à menor prevalência de atividades físicas: “Pode ser um fator associado à prática de atividades físicas e comportamentos sedentários” Oliveira (2011, p. 360). Exemplifica essa tese com a influência exercida por essas

determinadas organizações religiosas, que irão desenvolver atitudes, crenças e valores entre aqueles que as seguem.

Atitudes estas que irão modular sua vida de diferentes formas, entre elas, a influência na saúde. Por outro lado, aponta momentos em que os dogmas irão levar a um estado saudável no momento em que desencoraja o uso de o uso do tabaco, do álcool, de drogas ilícitas e do comportamento sexual de alto risco. Para trazer informações sobre a prática religiosa observemos REW (2006, p. *apud* MÉLO et al., 2013, p. 360):

Quando uma pessoa se vincula a uma denominação religiosa, ele está aderindo, também, a um conjunto de símbolos, comportamentos e práticas sociais que podem modular o seu estilo de vida e, por conseguinte, afetar sua saúde.

Afirmando sempre sua visão biológica, sobre a qual a religião teria um papel determinante, aponta pesquisas em que determinadas denominações religiosas conduzem seus praticantes a adotar condutas de risco à saúde, outras, no entanto, mostram associação positiva entre a religiosidade e as práticas de saúde ao bem estar físico e mental. Mostra que a falta da prática religiosa conduz a situações de risco à saúde, tabagismo, etilismo, uso de drogas ilícitas e comportamento sexual de alto risco que demonstrariam uma maior vulnerabilidade social destes.

O estudo não se deteve em apenas observar a frequência com que esses alunos participavam das aulas de educação física, mas também nos momentos fora da escola em que realizassem alguma atividade.

Nos seus resultados, aponta que católicos participam mais das aulas, no entanto têm maior prevalência de sedentarismo nos fins de semana. Já os evangélicos têm menor participação nas aulas, porém maior atividade física nos fins de semana, sobre estes, afirma também que:

É possível que a doutrina adotada por algumas denominações evangélicas não estimule ou valorize a participação nas aulas por não se reconhecer a importância deste componente curricular para formação pessoal, humanística e espiritual dos sujeitos (MÉLO et al., 2012, p.368).

Esse pensamento concorda com nossas discussões sobre a necessidade de se fazer conhecer a importância da escola, da educação física numa abordagem que permita ao aluno ser aquele que desenvolva as capacidades citadas pelo autor,

mas também se reconheça um agente da mudança, assim, compreendendo e agindo segundo os preceitos da educação.

O autor aponta que estas questões necessitam ser pesquisadas mediante abordagens qualitativas, no entanto, observamos que muitas vezes esta abordagem se volta apenas aos números, não buscando fundamentações sociais, históricas que certamente influenciam no comportamento humano. Aponta que não é possível generalizar o tema pesquisado, pois existem poucos estudos disponíveis além da qualidade do delineamento que utilizam. Aponta que no futuro, com a maior investigação será possível traçar intervenções em relação às atividades físicas e a religião.

4.2 ARTIGOS QUALITATIVOS

4.2.1 Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino

Este artigo, publicado no ano de 2013, foi escrito por Rigoni e Prodócimo e tem como objetivo compreender a forma como a Igreja Evangélica Assembleia de Deus tem influência na educação do corpo das meninas que a frequentam. Caracteriza-se por uma pesquisa etnográfica e utiliza em seu referencial teórico a Sociologia e a Antropologia. Foram realizadas observações, conversas informais, entrevistas gravadas e transcritas com cinco meninas, mulheres e pastores de uma igreja na qual a autora se inseriu por 21 meses, acompanhando cultos e aulas da Escola Dominical.

As autoras iniciam explanando sobre a forma com que a religião passa a definir e mediar diversas formas de comportamentos e aparências daqueles que as seguem, traz de Geertz o sentido em que a religião faz parte de um padrão de significados com os quais os fiéis se comunicam. Essa identificação que é buscada perpassa por adoção de símbolos morais, condutas sociais que são ensinadas e o cumprimento destas ações é esperado pelos demais membros. Essas características adotadas são facilmente observadas nos corpos destes, pois o corpo passa a representar a mudança individual pela fé após ter acontecido um processo de moralização do corpo, da gestualidade religiosa, valores, princípios e proibições características destas vertentes mais rígidas do cristianismo. Passa a diferenciar as

vertentes evangélicas mais comuns no Brasil e opta por estudar a que tem em seus ensinamentos, as formas mais rigorosas de trato do corpo: a denominação tradicional da Assembleia de Deus.

Uma vez que as pesquisadoras tiveram a oportunidade de realizar a etnografia com os membros da igreja, temos como resultado um trabalho bastante detalhado no que se refere aos modos como essas jovens se comportam se vestem, que é dividido em aparência corporal e características gestuais. É observado que a forma com que os pais se comportam reflete-se no comportamento e atitude das filhas. Podemos destacar a forma com que é tratada a forma de vestir por estes fiéis, a igreja ensina que as vestimentas estão relacionadas com a vaidade, portanto, muitas vezes se utilizam de saias, roupas de cores apagadas e compridas. Devem se vestir com pudor e modéstia, pois observamos nas falas transcritas que estes comportamentos são necessários para que pratiquem as coisas de Deus e para buscar a salvação.

É clara a distinção de gêneros no ambiente religioso e muitas vezes, comportamentos e vestimentas são utilizados não apenas como instrumento de salvação, mas para que não chamem atenção de homens. Este costume de não chamar atenção não se restringe apenas à aparência física, mas às características gestuais e suas técnicas corporais: caminhar, sentar-se e repousar o braço. A mulher passa a ter uma imagem de submissão ao homem, e seu papel maternal é esperado. Nas aulas de Educação Física, as alunas relatam a dificuldade que têm ao sentar no chão, movimentos como saltar obstáculos e a negação ao participar de atividade com músicas são recorrentes. Bem como as próprias aulas da dança e atividades juninas. Esta última, em específico consideram como algo profano que remete a outras crenças.

Concluíram que, apesar de receberem uma educação religiosa igual, muitos indivíduos não terão as mesmas ideias e atitudes sobre seus costumes. Sejam pelos pais ou pelas diferenças que existem entre localidades em que aquela igreja está inserida. Podemos destacar que estes fiéis se encontram numa constante negociação sobre ações que desejam realizarem outros âmbitos que não sejam a igreja, como é o caso da escola, família, outros grupos sociais. Na escola isso se reflete no momento em que cientes do dever de cumprir as atividades escolares, muitas participam das aulas de educação física e afirma que antes de elas serem evangélicas, são filhas, alunas, membro de um grupo etc. As autoras finalizam

afirmando que o corpo passa a corresponder a um conjunto de ensinamentos, o que faz com que a religião não seja a única fonte de ensinamentos onde os comportamentos do corpo serão adquiridos.

4.2.2 Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião

Publicado em 2014, este artigo, escrito por Rigoni e Daolio, vem compreender em que medida os conteúdos da Educação Física tensionam ou podem tensionar o movimento entre a prática religiosa institucional e a vida fora da igreja. Utiliza-se de uma etnografia realizada numa escola pública de Campinas, São Paulo. Houve contato direto com demais alunos e funcionários, mais especificamente um grupo de alunas estudadas pertencentes a Igrejas Evangélicas, entre elas Assembleia de Deus, Igreja Batista Nova Salém e Congregação Cristã do Brasil. A escolha do ensino médio se deu pela capacidade oral desta faixa etária de explanar sobre sua trajetória. Para fundamentarem o trabalho acerca dos conteúdos e objetivos da Educação Física, se utilizam de Bracht.

Essa pesquisa vem mostrar qual significado a Educação Física tem para estas alunas e, conseqüentemente seus parentes e líderes religiosos. Podemos destacar o seguinte trecho: “(...) Os evangélicos pesquisados entendem o corpo como um instrumento dado por Deus e que de seus usos depende a salvação” (RIGONI & DAOLIO, 2014, p. 879). A partir dessa ideia, principal podemos observar o quanto o corpo tem um significado importante para estes fiéis, no entanto, aponta que muitos referenciais religiosos têm mudado constantemente e continuamente diante até mesmo do descumprimento de muitos indivíduos às imposições religiosas.

Nas aulas, podemos observar uma linha de pensamento em que não apenas as garotas evangélicas, mas muitos outros alunos têm sobre o significado da Educação Física. Deparamo-nos com aulas que muitas vezes apenas focam no cuidado com o corpo e na busca das medidas perfeitas, justamente o enaltecimento do corpo e não da moral, tão defendida por estas vertentes religiosas. Os discursos observados nas aulas recaem no corpo belo, levando a um sentimento de aversão ao desejo de participar dos jogos, considerados pecaminosos. O argumento costumeiramente utilizado para que participem das aulas é o da obrigatoriedade da

Educação Física como componente curricular como mostra o parágrafo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais:

A Educação Física, componente obrigatório do currículo do Ensino Fundamental, integra a proposta político-pedagógica da escola e será facultativa ao aluno apenas nas circunstâncias previstas no § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394/96. (BRASIL, 2013)

Argumento esse que não se aplica em comemorações juninas, por exemplo. São encontrados constrangimentos nas aulas de capoeira por tratar de suas raízes com religiões afro-brasileiras que muitas vezes são vistas por maus olhos e combatidas por estas igrejas. Destacamos ainda a questão da não participação em competições, ações comuns nos jogos e esportes, são tidas como atividades tentadoras, de azar e vaidosas. A exposição corporal também é uma barreira comum, a questão da “evidência” que estas alunas têm quando submetidas a metodologias voltadas unicamente ao esporte e rendimento, pois sentem que aquele que participa de um jogo e tenha o corpo exposto pode atrair olhares.

São corpos que em seu ensino religioso foram ensinados a esconder-se e a reduzir-se, não ampliar experiências de movimentos, gerando tensões. Aos autores propõem que devemos estar atentos aos valores trazidos pelos alunos e destacam a necessidade da reflexão nas aulas de Educação Física, afirma que esse é um espaço para a contraposição do que foi aprendido por tais alunos. É entendida por Freire (1987) a necessidade de um ensino dialogado entre aluno e professor. O discurso da obrigatoriedade não garante a participação dos alunos e cita o exercício da reflexão como facilitador neste processo de ressignificação da Educação Física. A autora destaca ainda a necessidade de mediação que o professor deve fazer na relação do aluno com as práticas corporais

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os textos analisados, podemos apontar a constante percepção que os autores tiveram sobre as resistências encontradas na educação física escolar em relação à religião, seja afirmando estas colocações qualitativamente ou quantitativamente. A partir da religião seguida pelo indivíduo, seus costumes serão modulados de forma com que ele se sinta pertencente a este grupo religioso e transmita a mudança em seu corpo e suas ações advindas de sua crença.

Muito embora já notemos o registro do pensamento de alunas que superam o que lhes é ensinado sobre o corpo a partir do momento em que se reconhecem num ambiente escolar que proporcionará conhecimento. Esse início de percepção do propósito da escola vem ultrapassar barreiras impostas fazendo com que os alunos cada vez mais sejam capazes de decidir suas ações por meio do seu reconhecimento como ser social e agente da transformação.

Para que haja uma superação da realidade devemos objetivar a compreensão sobre a educação acima de tudo, o aluno precisa ser levado à consciência da necessidade não somente das aulas em questão, mas da própria escola. Aulas estas, que excedam a melhoria e o treinamento dos corpos, levando o sujeito a compreender-se um ser consciente da realidade a partir de uma educação com os preceitos de uma escola laica, universal e pública. Para tanto, é necessário que façamos com que o aluno receba uma educação que se utilize de uma visão que dê acesso ao conhecimento que descentraliza este sujeito e o traz à coletividade. Esta necessidade advém da confusão existente entre a liberdade individual que a religião almeja e os direitos fundamentais que o sujeito toma posse.

Destaquemos por fim, a importância de projetos que fazem com que professores em formação tenham contato com a escola em sua verdadeira forma. Voltando à introdução de nosso tema temos o PIBID como um instrumento que nos fez conhecer o corpo de maneiras diferentes, trazendo novas formas de pensar sobre a Educação Física, contribuindo com nosso desenvolvimento não apenas como professores, mas como seres humanos. Fazendo com que o trabalho docente seja pensado de maneira crítica sobre o ensino através do primeiro olhar, permitindo que surjam mais pesquisas advindas de inquietações como a que originou este trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAETA NEVES, L. F. **O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- BARBOSA, R. **A interdição do corpo nas aulas de educação física: um estudo sobre os confrontos religiosos**. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Educação. Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá. 2013.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2010
- CASTELLANI FILHO, L. et. al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CAVALCANTI, H. B. Marx, Religião e Política: O Protestantismo Conservador Norte-Americano como Ópio do Povo. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. , 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000100006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 23 Jan. 2017.
- CHAUÍ, M. Ideologia e educação. **Educ. Pesqui**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016
- CONDORCET. **Cinq Memoires sur la Instruction Publique**. Paris: Flammarion, 1994. 61p.
- ENGELS, F. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Sobre a Religião**. Lisboa: Edições 70, 1975.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBBSAWN, E. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- MANOEL, I. A. História, religião e religiosidade. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 105-128, abr/jun 2007
- MÉLO, E. et al. Association between religiosity, physical activity, and sedentary behavior in adolescents. **Rev Bras Ativ Fis Saúde**, Pelotas, v. 17, n. 5, p. 359–369, 2013.
- MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MELO NETO, G. A. R.; SILVA JUNIOR, M. C. da. A Sedução divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, Vol. X, Nº 3, p. 757-786, set/2010

MONTEIRO, J. O Corpo e a Saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 8, n. 14, p. 203–206, 2004.

MORAES E SILVA, M.; FONTOURA, M.P. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.263-75, abr./jun. 2011

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

LEITH, John H. **A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã**. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODOCIMO, Elaine. Corpo e religião: marcas da educação evangélica no corpo feminino. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 227-243, Mar. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100017&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Feb. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32892013000100017>.

RIGONI, A. C. C. **Corpos na escola: (des)compassos entre a Educação Física e a Religião**. 2013. 176 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2013.

RIGONI, A.C. C; DAOLIO, Jocimar. Corpos na escola: reflexões sobre Educação Física e religião. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 875-894, jul./set. de 2014.

SILVA, S. de M. C. da; FRANCISCO, M. V. Educação Física Escolar E Autonomia: Reflexões Sobre As Contribuições Da Teoria Histórico-Cultural. **Colloquium Humanarum**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 66–72, 2012.

XAVIER, I. C.; TAMBARA, E. Condorcet e a escola pública, laica, gratuita e universal. In: ANPED SUL (SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL), 9. 2012. **Anais...** Pelotas: ANPED SUL, 2012.